

Agemir Bavaresco
Rogel E. Oliveira (Orgs.)

Diálogo inter-religioso

Exclusivismo - Inclusivismo – Pluralismo



Quase ao findar do Concílio Vaticano II, foi promulgado pelo Papa Paulo VI um documento conciliar que marcou definitivamente a história da Igreja Católica Romana e sua relação com as demais religiões não-cristãs. Trata-se da "Declaração Nostra Aetate sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs", datada do dia 28 de outubro de 1965. Na Declaração, a Igreja Católica "exorta seus filhos ao diálogo e à colaboração com os seguidores das outras religiões, [...] reconhecendo, servindo e promovendo os bens espirituais e morais assim como os valores socioculturais presentes nelas" (n. 2). Como era de se esperar, a Declaração Nostra Aetate teve um impacto enorme, dentro e fora da Igreja Católica, até os dias de hoje. É neste contexto que os diversos capítulos que aqui se apresentam devem ser compreendidos. Frutos da elaboração de alunos de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a partir do Seminário "Pluralismo e Diálogo Inter-Religioso" (2018/2), esses textos discutem e aplicam a questão do diálogo inter-religioso de um modo variado e fértil, levando em conta toda a discussão teológica e pastoral que se iniciou a partir do Concílio. O livro é dividido em quatro seções: 1- O diálogo inter-religioso e suas condições gerais; 2- O diálogo inter-religioso e a reflexão teológica católica e protestante; 3- O diálogo inter-religioso e o magistério da igreja; 4- O diálogo inter-religioso em casos específicos.



Diálogo inter-religioso



Série *Comitê Editorial da*
Filosofia & Interdisciplinaridade

- **Agnaldo Cuoco Portugal**, UNB, Brasil
- **Alexandre Franco Sá**, Universidade de Coimbra, Portugal
- **Christian Iber**, Alemanha
- **Claudio Gonçalves de Almeida**, PUCRS, Brasil
- **Cleide Calgato**, UCS, Brasil
- **Danilo Marcondes Souza Filho**, PUCRJ, Brasil
- **Danilo Vaz C. R. M. Costa**, UNICAP/PE, Brasil
- **Delamar José Volpato Dutra**, UFSC, Brasil
- **Draiton Gonzaga de Souza**, PUCRS, Brasil
- **Eduardo Luft**, PUCRS, Brasil
- **Ernilo Jacob Stein**, PUCRS, Brasil
- **Felipe de Matos Muller**, UFSC, Brasil
- **Jean-François Kervégan**, Université Paris I, França
- **João F. Hobuss**, UFPEL, Brasil
- **José Pinheiro Pertille**, UFRGS, Brasil
- **Karl Heinz Efken**, UNICAP/PE, Brasil
- **Konrad Utz**, UFC, Brasil
- **Lauro Valentim Stoll Nardi**, UFRGS, Brasil
- **Marcia Andrea Böhning**, PUCRS, Brasil
- **Michael Quante**, Westfälische Wilhelms-Universität, Alemanha
- **Miguel Giusti**, PUCP, Peru
- **Norman Roland Madarasz**, PUCRS, Brasil
- **Nythamar H. F. de Oliveira Jr.**, PUCRS, Brasil
- **Reynner Franco**, Universidade de Salamanca, Espanha
- **Ricardo Timm de Souza**, PUCRS, Brasil
- **Robert Brandom**, University of Pittsburgh, EUA
- **Roberto Hofmeister Pich**, PUCRS, Brasil
- **Tarcilio Giotto**, UNIOESTE, Brasil
- **Thadeu Weber**, PUCRS, Brasil

Diálogo inter-religioso

Exclusivismo - Inclusivismo - Pluralismo

Organizadores:

Agemir Bavaresco

Rogel E. Oliveira

φ editora fi

Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Filosofia e Interdisciplinaridade — 100

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

BAVARESCO, Agemir; OLIVEIRA, Rogel E. (Orgs.)

Diálogo inter-religioso: exclusivismo, inclusivismo e pluralismo [recurso eletrônico] / Agemir Bavaresco; Rogel E. Oliveira (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

263 p.

ISBN - 978-85-5696-477-9

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Religião; 3. Teologia; 4. Pluralismo; 5. Exclusivismo; 6. Inclusivismo; I. Título II. Série

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Apresentação: O Diálogo Inter-religioso, seu contexto e desdobramentos

*Agemir Bavaresco¹
Rogel E. Oliveira²*

Quase ao findar do Concílio Vaticano II, foi promulgado pelo Papa Paulo VI um documento conciliar que marcou definitivamente a história da Igreja Católica Romana e sua relação com as demais religiões não-cristãs. Trata-se da “Declaração *Nostra Aetate* sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs”, datada do dia 28 de outubro de 1965. Na Declaração, a Igreja Católica “exorta seus filhos ao diálogo e à colaboração com os seguidores das outras religiões, [...] reconhecendo, servindo e promovendo os bens espirituais e morais assim como os valores socioculturais presentes nelas” (n. 2). Especificamente sobre a religião muçulmana, a declaração afirma que “a Igreja tem grande apreço pelos muçulmanos”; apesar das “inúmeras dissensões e lutas entre cristãos e muçulmanos” no decorrer da história, “o Concílio convida todos a superarem esse passado e a cultivar sinceramente a compreensão mútua” (n. 3). Sobre a religião judaica, a declaração é ainda mais incisiva: “o Concílio colocou em evidência o laço de comunhão espiritual que liga o povo do Novo Testamento à raça de Abraão” (n. 4). Por isso, “recomenda e estimula o conhecimento e a estima mútuos entre

¹ Professor nos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e Teologia da PUCRS.

² Pós-doutorando (PNPD-Capes) no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

cristãos e judeus, cujo imenso patrimônio espiritual comum deve ser cultivado nos estudos bíblicos e teológicos e pelo diálogo fraterno” (ibid.). Ainda sobre os judeus, o documento afirma que “A Igreja condena todo tipo de perseguição. [...] [A Igreja] lamenta profundamente os ódios, perseguições e toda espécie de manifestações anti-semitas de que foram objeto os judeus” (ibid.).

Como era de se esperar, a Declaração *Nostra Aetate* teve um impacto enorme, dentro e fora da Igreja Católica, até os dias de hoje. O “diálogo” com as demais religiões passou a ter um valor normativo na vida da Igreja e em suas reflexões teológicas. Outros documentos seguiram esta importante Declaração, desenvolvendo, complementando e relacionando a ideia do diálogo inter-religioso com outras áreas da Igreja, em especial com o “anúncio” evangelizador, onde pareceria haver uma potencial tensão com o diálogo. Poderíamos nomear aqui, apenas para relacionar alguns dos principais, a “Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa”, um documento conciliar, de 7 de dezembro de 1965; o documento “A Igreja e as outras Religiões: Diálogo e Missão”, do então Secretariado para os Não-Cristãos (hoje Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso), de 10 de junho de 1984; e o documento “Diálogo e Anúncio”, do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, de 19 de maio de 1991; entre outros documentos.³

Concomitante com a ideia do diálogo na Igreja Católica, a reflexão teológica passou a se debruçar mais intensamente sobre a questão da salvação nas (e através das) demais religiões. Já se tornou clássica a divisão tripartite das principais respostas a esta questão.⁴ O *exclusivismo* defende, nas famosas palavras de Cipriano, bispo de Cartago do séc. III, que “fora da Igreja não há salvação”, axioma esse que encontrou sua forma mais rígida no Concílio de Florença, de

³ O diálogo com os demais cristãos já fora abordado no importante Decreto Conciliar *Unitatis Redintegratio*, sobre o Ecumenismo, de 1964.

⁴ Uma divisão análoga se faz em torno da questão da “verdade” nas demais religiões. Cf. Paul GRIFFITHS. *Problems of Religious Diversity*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 21-65.

1442.⁵ Segundo Dupuis, esta posição predominou na Igreja Católica do século V ao século XV.⁶ Em sua forma protestante, o exclusivismo talvez não enfatize a pertença à Igreja (visível) como necessária à salvação,⁷ mas tradicionalmente defenderá a necessidade da fé explícita em Jesus Cristo para a salvação do indivíduo.⁸ O *inclusivismo*, por sua vez, ainda que afirme “claramente que Jesus Cristo é a revelação decisiva de Deus e o Salvador constitutivo” de toda a humanidade – sendo, portanto, salvador “único” e “universal” –, por outro lado também deixa “aberto o caminho para um reconhecimento sincero de manifestações divinas dentro de diferentes culturas da história da humanidade e de eficazes ‘componentes de graça’ dentro das outras tradições religiosas”, aponta Dupuis, com aprovação.⁹ Ou seja, segundo o inclusivismo, a salvação “universal” e “única” de Jesus Cristo também opera *através das diferentes religiões*, ainda que seus membros não sejam conscientes disto! Já o *pluralismo* nega a “universalidade” da salvação de Jesus Cristo. Jesus é *um* caminho de salvação entre outros possíveis, disponibilizados pelas outras religiões. Assim, cada religião tem valor salvífico em si mesma e não em função de sua relação com Jesus Cristo. Para os pluralistas, isto amplia a universalidade da salvação de um modo que o inclusivismo não é capaz de fazer. Esta é a posição do influente teólogo protestante John Hick¹⁰, seguida de perto, também, por alguns teólogos católicos,

⁵ Cf. Jacques DUPUIS. *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 128, 137s.

⁶ Cf. J. DUPUIS. *O cristianismo e as religiões: do desencontro ao encontro*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 19. A partir do século XVI, alguns teólogos da Universidade de Salamanca e do Colégio Romano começam a discutir e defender a possibilidade da “fé implícita”. Já o Concílio de Trento, no decreto da justificação (1547), abre a possibilidade da justificação do indivíduo pelo “batismo de desejo” (cf. DUPUIS, 1999, p. 168-172).

⁷ Neste ponto, discordamos da interpretação “eclesiocêntrica” de Dupuis sobre Karl Barth e outros protestantes (cf. DUPUIS, 1999, p. 258s).

⁸ Obviamente, isto se aplica para aqueles que viveram após o “evento Cristo”. Esta era também a posição de Tomás de Aquino (Cf. DUPUIS, 2004. p. 20).

⁹ DUPUIS, 1999, p. 269.

¹⁰ Veja, por exemplo, John HICK. *An Interpretation of Religion: human responses to the transcendent*. 2.ed. New Haven/London: Yale Univ. Press, 2004. (Primeira edição em 1989).

como José Maria Vigil.¹¹ Não se poderia deixar de mencionar aqui, porém, a reação oficial da Igreja Católica a algumas teses pluralistas - para não dizer ao pluralismo enquanto tal -, na importante Declaração *Dominus Iesus*, publicada pela Congregação para a Doutrina da Fé, sob direção do então Cardeal Joseph Ratzinger (hoje Papa Emérito Bento XVI), em 6 de agosto de 2000.¹²

É neste contexto que os diversos capítulos que aqui se apresentam devem ser compreendidos. Frutos da elaboração de alunos de pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), a partir do Seminário “Pluralismo e Diálogo Inter-Religioso” (2018/2), esses textos discutem e aplicam a questão do diálogo inter-religioso de um modo variado e fértil, levando em conta toda a discussão apresentada acima. A maioria dos autores são mestrandos e doutorandos de tradição católica - além de um professor católico que escreve em coautoria com um dos discentes -, mas os autores protestantes também deixaram sua marca em três dos capítulos. Queremos agradecer a todos pela produção intelectual.

Os capítulos deste livro estão divididos em quatro seções. Abaixo seguem as seções, bem como o título, autoria e resumo feito por seus autores.

Seção 1: O diálogo inter-religioso e suas condições gerais:

No capítulo 1: *A virtude do diálogo: na perspectiva do diálogo religioso*, Giovanni Mattiello afirma que “ao olhar para as relações estabelecidas pela sociedade em suas mais diversas formas e contextos, percebemos as grandes diferenças que se apresentam e

¹¹ Veja, por exemplo, José Maria VIGIL. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

¹² CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração ‘Dominus Iesus’ sobre a unicidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*. 2000. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20000806_dominus-iesus_po.html>.

se encontram no plano das relações humanas e sociais. Neste contexto de encontros e muitas vezes de choque entre realidades díspares, nos cabe a possibilidade de um diálogo aberto, qualificando as relações e alargando as compreensões sobre o outro e, assim, poder nortear a disposição para uma mútua colaboração e crescimento humano com vistas a uma melhor compreensão da vida e do mundo. É assim que dialogar coloca-se como uma virtude imprescindível para nossas relações humanas e sociais. Neste artigo articula-se o diálogo como uma virtude, conceituando e estabelecendo as condições para dialogar e buscando elementos que auxiliem a sua compreensão”.

No capítulo 2: *A importância do Estado laico para um diálogo inter-religioso*, Rodrigo Wegner da Costa descreve que “vivemos numa sociedade plural, com um número cada vez maior de religiões convivendo no mesmo espaço. Como o Estado deve se colocar diante de um pluralismo religioso? Em alguns países, não se permite a expressão religiosa diferente daquela oficial do Estado, em outros, existe um laicismo, onde o Estado é a religião e não permite outras formas de culto de seu povo. O trabalho pretende mostrar que o Estado deve ser laico, mas sendo a sua população religiosa, deve permitir que as pessoas escolham a forma de religião para seguir, sem constrangimento ou repreensão. A liberdade religiosa é o melhor caminho para uma convivência pacífica entre as pessoas”.

Seção 2: O diálogo inter-religioso e a reflexão teológica católica e protestante:

No capítulo 3: *A crise do cristianismo Ocidental: contribuição cristológica de Jacques Dupuis*, Rogério L. Zanini e Érico J. Hammes estão interessados em “discorrer sobre duas realidades que precisam ser assumidas como congruentes. Por um lado, o cristianismo ocidental está em crise porque suas elaborações teológicas tornaram-se saturadas para responder à realidade contemporânea. Por outro lado, o pluralismo religioso desponta

com seus questionamentos mais prementes sobre um cristianismo monolítico, por questionar suas bases, alicerces, no entanto, ao ser assumido como ‘dom de Deus’ para a humanidade pode contribuir para vitalizar a fé cristã. Trata-se, portanto, de reconhecer a crise de um cristianismo ocidental e perceber a contribuição do pluralismo religioso para sua superação. Para alcançar este objetivo fizemos o seguinte percurso. Primeiro, retomamos as principais características que configuram o pensamento do cristianismo ocidental e se fazem perceber ao longo da história, baseando-se no artigo de Victor Codina, “Desocidentalizar o cristianismo”. Segundo, apoiados na proposta cristológica de Jacques Dupuis, verificar elementos que ajudam a superar um pensamento monolítico do cristianismo ocidental. Acreditamos que a reflexão de Dupuis, para além do diálogo inter-religioso, pode contribuir para resgatar um cristianismo mais genuíno que o processo de evangelização na história, por outras opções teológica-eclesiais, fez perder. Por fim, concluímos, explicitando, a partir desta perspectiva assumida, as contribuições para o revigoramento da evangelização de forma inculturada que tenha correspondência à ‘Igreja em saída’ para as ‘periferias sociais e existenciais’ conforme apelo do Papa Francisco. Nossa tese é que as intuições cristológica-trinitárias de Dupuis contribuem para construir uma fé cristã mais originária com as fontes cristãs”.

No capítulo 4: *O exclusivismo aberto de Gottfried Brakemeier: um breve exame conceitual*, Diego dos Santos Wingert “apresenta uma breve análise bibliográfica de uma das obras do Dr. Gottfried Brakemeier, intitulada: *Preservando a unidade do espírito no vínculo da paz*. Através desta publicação se procura tratar de forma direta e objetiva à significativa questão do diálogo inter-religioso na contemporaneidade a partir de uma variação da ótica cristã de matiz Exclusivista, sendo esta uma das mais importantes posturas clássicas do posicionamento soteriológico cristão. A interpretação desenvolvida nesta pesquisa se constrói a partir do capítulo XIV da referida obra, onde iniciamos por uma análise da compreensão de

Brakemeier a respeito de um tema tão saliente atualmente no meio teológico cristão: o diálogo inter-religioso. Na segunda seção se analisa especificamente o ponto central dessa pesquisa, a tese de Brakemeier denominada de *Exclusivismo Aberto*, e suas implicações para o diálogo inter-religioso. Por último, concisamente, se examina uma postura crítica de outro autor de origem confessional Luterana; Dr. Paulo Nerbas – defensor do Exclusivismo cristológico clássico – apresenta deficiências na proposta de Brakemeier. Desta forma, analisamos sua posição na perspectiva de trazer contribuições a esta pesquisa. Desta maneira procurou-se, laconicamente, estabelecer uma interpretação justa e ordenada da posição teológica de Brakemeier que visa o desenvolvimento de fatores dialogais entre as religiões na atualidade”.

No capítulo 5: *Uma introdução ao pensamento reformado de Herman Dooyeweerd acerca da antítese bíblica e sua implicação para a fé cristã em um cenário de pluralidade religiosa*, Samuel Santos Bezerra “introduz o pensamento do teólogo holandês Herman Dooyeweerd acerca da antítese bíblica que levanta implicações para a fé cristã em um cenário de pluralidade religiosa. Partindo do *mitte* Criação-Queda-Redenção (temas centrais da revelação), Dooyeweerd entende o ser humano como um ser religioso, pois foi criado por Deus para adorá-lo. Entretanto, o pecado tergiversou o verdadeiro alvo da adoração e plantou a antítese (apostasia) no âmago do ser do homem. Dominado em todas as áreas por uma natureza corrupta, tornou-se rebelde e está morto espiritualmente. Apenas em Cristo Jesus essa disposição antitética pode ser superada. Nesses termos, procura-se refletir a relação do cristianismo diante das demais religiões”.

Seção 3: O diálogo inter-religioso e o magistério da igreja:

No capítulo 6: *Dominus Iesus: as implicações do inclusivismo na Declaração*, Dorcelina do Carmo Alves Gomes “propõe uma reflexão sobre a *DOMINUS IESUS*, tomando como referência o

capítulo VI da Declaração sobre a unicidade e a universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja emitida pela Congregação para a Doutrina da Fé – A Igreja e as religiões no que concerne à salvação. O objetivo é apresentar teorias que corroborem para afirmar que o documento do ano de 2000 mantém uma posição inclusivista da Igreja Católica em relação às outras religiões cristãs”.

No capítulo 7: *Ministro da unidade na diversidade: diálogo inter-religioso na formação presbiteral*, Fernando Luiz Bolfe “aborda a temática do “Ministro da Unidade na Diversidade: diálogo inter-religioso na formação presbiteral”. Primeiramente, busca-se apresentar o que os principais documentos do Magistério eclesial, conciliares e pós-conciliares, afirmam sobre o diálogo inter-religioso a partir do Concílio Vaticano II. Na sequência, pretende-se verificar a importância do diálogo-religioso na vida presbiteral nos documentos específicos da formação, além do desdobramento do tema nas dimensões humano-afetiva, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral. E por fim, descrever o perfil do presbítero, como ministro do diálogo e da unidade, promotor da cultura do encontro, sugerindo iniciativas concretas para o processo formativo presbiteral para formadores e formandos”.

Seção 4: O diálogo inter-religioso em casos específicos:

No capítulo 8: *O fortalecimento da fé facultada pelo encontro entre cristãos e indígenas*, Janaina Santos Reus Freitas trata da “possibilidade de a fé ser fortalecida e enriquecida por meio do diálogo inter-religioso entre tradições diferentes, nesse caso entre cristãos e indígenas. Para isso far-se-á um movimento de argumentação baseado na abertura ao outro e na construção e reconstrução da própria identidade através dessa abertura, conduzindo ao encontro e a alteridade. O método utilizado será o de pesquisa bibliográfica e de apresentação de experiência realizada em diálogo inter-religioso entre cristãos e indígenas. O texto divide-se em quatro etapas: O Diálogo Inter-Religioso: definição e essência;

Exclusivismo, inclusivismo e Pluralismo; Experiênciade Diálogo Inter-Religioso entre cristãos e indígenas; Conclusão”.

No capítulo 9: *A Angelologia como possibilidade de diálogo inter-religioso entre as tradições judaico/cristã e budista*, Filipe Mirapalheta Oliveira faz “uma comparação entre os anjos da tradição judaico/cristã e os devas da tradição budista. Considerando o fato de que ambos os seres se encaixam numa área que podemos chamar intermédia, ou seja, seres que não são considerados deus, ou deuses, tampouco homens, anjos e devas podem ser analisados sob a mesma perspectiva. Ao final da comparação, queremos verificar se a angelologia judaico/cristã pode ser um elemento colaborativo ou obstrutivo para o diálogo entre as duas tradições. A metodologia é de pesquisa bibliográfica, e o resultado será o aprofundamento na possibilidade do diálogo inter-religioso entre cristãos e budistas. O artigo é projeto solicitado pela disciplina de diálogo inter-religioso, do programa de pós-graduação/mestrado, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, para avaliação da mesma”.

No capítulo 10: *O fenômeno Desigrejados e sua relevância no diálogo inter-religioso*, Alexandre O. Bilhalva examina “o fenômeno ‘desigrejados’ que vem apresentando um espantoso crescimento e alterando o campo religioso brasileiro, exclusivamente no cristianismo protestante. O alvo é descobrir por meio da análise de suas raízes, pressupostos, afirmações e sua relevância dialógica, a partir da visão teológica do teólogo e filósofo da religião John Hick (1922-2012), com as outras tradições religiosas”.

Agradecemos aos Programas de Pós-Graduação em Teologia e Filosofia da PUCRS pela oportunidade de atuarmos no referido Seminário, bem como pelo apoio na publicação deste livro. Desejamos a todos uma ótima leitura!

Porto Alegre, primavera de 2018.